



RAMALHO, Christina; SILVA, Mariana Militão da. Eva Perón como heroína épica popular: uma análise de *Evita, del 17 de octubre a la caída*, de Alfredo Carlino. *Revista Épicas*. N. 17 – jun 25, p. 71-89. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2025.v17.7189>

**EVA PERÓN COMO HEROÍNA ÉPICA POPULAR:
UMA ANÁLISE DE *EVITA: DEL 17 DE OCTUBRE A LA CAÍDA*, DE ALFREDO CARLINO**

**EVA PERÓN AS POPULAR EPIC HEROINE:
AN ANALYSIS OF *EVITA: DEL 17 DE OCTUBRE A LA CAÍDA*, BY ALFREDO CARLINO**

Christina Ramalho¹
Mariana Militão da Silva²
Universidade Federal de Sergipe

RESUMO: Este relato integra resultados de pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal de Sergipe, com o objetivo de investigar traços do gênero épico na obra *Evita: del 17 de octubre a la caída*, do poeta argentino Alfredo Carlino. Através de poemas interrelacionados que narram feitos históricos e simbólico-míticos de Eva Perón, o autor a apresenta como uma figura heroica e reflete sobre sua trajetória como tal. O estudo propõe uma reflexão sobre como a poesia engajada e a tradição épica se entrelaçam, a partir do trabalho literário com um tema que envolve lutas políticas, sociais e resistência. A partir da teoria épica do discurso de Anazildo Vasconcelos da Silva, de categorias sobre o gênero épico de Ramalho, além de registros críticos sobre a história de Eva Perón, a obra de Carlino será enfocada em sua dimensão épica, com destaque para uma heroína que não conquistou territórios com espadas, mas que, por meio de palavras, coragem e ações voltadas para o bem comum, se inscreveu como matéria épica na cultura argentina.

¹ Doutora em Letras (UFRJ, 2004), com Pós-Doutorado em Estudos Cabo-Verdianos (USP/FAPESP, 2012), em Estudos Épicos (Université Clermont-Auvergne, 2017) e em Historiografia Épica (Universidad de Buenos Aires, 2022), é professora-associada do Departamento de Letras Vernáculas (DLEV) da Universidade Federal de Sergipe. Em 2013 idealizou e criou, com 27 membros-fundadores, o Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos, o CIMEEP (www.cimeep.com). É autora e organizadora de 47 livros/e-books de teoria, crítica e historiografia literária, além de poesia, contos e crônicas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8298-698X>.

² Graduanda do Curso de Letras, campus Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe; membro temporário do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos, o CIMEEP e pesquisadora vinculada ao projeto de Iniciação Científica (2024-2025) intitulado “Representações históricas e épicas em quatro poemas longos sobre Eva Perón” (PIE 13856-2024), de autoria da professor-doutora Christina Bielinski Ramalho. ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0009-0009-4309-5787>.

Palavras-chave: gênero épico, matéria épica, Eva Perón, Alfredo Carlino.

ABSTRACT: This report includes the results of research carried out as part of the Institutional Scientific Initiation Scholarship Program (PIBIC) at the Federal University of Sergipe, with the aim of investigating traces of the epic genre in the work *Evita: del 17 de octubre a la caída*, by the Argentine poet Alfredo Carlino. Through interrelated poems that narrate Eva Perón's historical and symbolic-mythical deeds, the author presents her as a heroic figure and reflects on her trajectory as such. The study proposes a reflection on how engaged poetry and the epic tradition intertwine, based on literary work with a theme that involves political and social struggles and resistance. Based on Anazildo Vasconcelos da Silva's epic discourse theory, Ramalho's categories on the epic genre, as well as critical records on the story of Eva Perón, Carlino's work will be focused on in its epic dimension, highlighting a heroine who did not conquer territories with swords, but who, through words, courage and actions aimed at the common good, became an epic subject in Argentine culture.

Keywords: epic genre, epic matter, Eva Perón, Alfredo Carlino.

Introdução

Comencé a escribirlo en la década del 70. Llevaba 14 poemas cuando estalló la ferocidad de 1976. Era el 24 de marzo y quedó registrado como el día de la muerte y la entrega del país. Claro está, para eso mataron. No fue porque sí, ni como un signo ideológico, contra otro. Fue la clara concepción de organizar la derrota popular, venciéndonos, a través de la muerte y el terror hasta ese momento desconocido.

Alfredo Carlino, *Evita: del 17 de octubre a la caída*

O livro *Evita: del 17 de octubre a la caída*, publicado em 1996 pela editora Catálogos, de Buenos Aires, tem como autor o poeta, jornalista, boxeador e militante político Alfredo Carlino, nascido no dia 17 de outubro de 1932 durante a chamada “Década Infame”, um período conturbado na política e econômica da Argentina³. Carlino fala sobre ter renascido no dia 17 de outubro de 1945, evento que o levou a participar do movimento peronista. Durante a ditadura militar, ele foi alvo de perseguições devido ao seu envolvimento político e literário, Carlino perdeu alguns manuscritos, bens pessoais, foi exilado e censurado. Contudo, ele nunca abandonou sua luta por justiça social. Faleceu no dia 25 de março de 2018 aos 85 anos.

A obra contém uma apresentação do próprio autor intitulada “*Como en la vida, este libro está poblado de vicisitudes*”, em que ele conta toda a perseguição política que sofreu a partir de 24 de março de 1976, que teve episódios como a violência contra seus próprios pais; a entrega de sua casa a desconhecidos; o roubo de sua produção literária, incluindo os 14 poemas dedicados a Eva Perón referenciados na epígrafe acima. Vejamos um pouco do que ele nos conta:

Fueron años del espanto, llenos de dolor. Cada día perdíamos varios compañeros de lucha o amigos que eran entrañables, fue una época canallasca y miserable, donde

³ A Wikipédia traz informações biobibliográficas sobre o poeta argentino e cita suas obras: *17 de octubre, la celebración de la multitud ardida* (2014); *Poemas. 50 años con la poesía* (2008); *Bailarín canyengue* (1999); *Evita: del 17 de octubre a la caída* (1996); *Perón, siempre de Juan* (1986); *Buenos Aires tiempo Gobby* (1970); *Ciudad del tango* (1966); *Chau, Gatica* (1964); *Poemas ciudadanos* (1959) e *El cuaderno de Mabel* (1958). Ver em https://es.wikipedia.org/wiki/Alfredo_Carlino.

habían colocado al pueblo como víctima de una pseudo guerra, hecha por bandos, con la filosofía “del que no está conmigo, es el enemigo”. Y la mayoría de los muertos y perseguidos no pertenecían a ninguno de los dos, nosotros defendíamos al pueblo pacíficamente y fuimos sometidos a la locura, de la cual no éramos responsables. No fue una guerra. Sectores militares ciegos salieron a matar a su pueblo, con un puñado de loquitos o servicios que se habían autodenominado, ser nuestros salvadores sin que nadie se los pidiera. Me refiero a la conducción y no a aquellos muchachos que soñaron y murieron. (CARLINO, 1996, p. 7)

Como se constata, a produção literária de Carlino sofreu violentos ataques da ditadura militar e somente após muitos anos ele pôde completar o projeto de dedicar a Eva Perón uma obra que desse tratamento lírico à sua existência e ao significado de sua figura histórica para a cultura argentina. Esse tratamento, contudo, extrapola o universo lírico, pois o que se vê, na leitura da obra, é uma composição que reúne lirismo e narração de forma coesa e integrada.

Além de seus próprios enfrentamentos, Carlino também aborda, nesse texto de abertura, o ódio destinado a Eva pelos opositores ao peronismo. Ele relembra como ela atuava política e socialmente, descrevendo alguns de seus gestos:

Eva volvía tarde a su casa porque atendía hasta el último desamparado. Y le resolvía su problema con hechos. Para eso se había creado la Fundación de Ayuda Social. Nunca regresaba a su casa hasta no ver a la última, generalmente eran mujeres enfermas o viejas. Fue la única mujer que ante el horror de empleados y secretarios se abrazaba a los leprosos o enfermos infecciosos. (CARLINO, 1996, p. 13)

Carlino comenta que a oposição se baseava, por exemplo, nos horários de regresso de Eva Perón à sua casa para levantar suspeitas acerca de seu comportamento moral. O autor ataca essa postura difamatória e realça as características humanitárias e revolucionárias de Evita.

Evita: del 17 de octubre a la caída, assim, reúne 43 poemas interrelacionados, que compõem, em conjunto, um poema longo e engajado, com 1.136 versos, cujo propósito é honrar a história e a memória de Eva Perón, destacando sua influência no movimento peronista. Em consonância com a “divisão em partes” (Ramalho, 2014) que caracteriza, em geral, as epopeias, a obra de Carlino é dividida em três partes, com nítida organização cronológica, sobre as quais falaremos mais adiante.

Em tom épico-heroico, com passagens que também nos fazem pensar na ode, o autor exalta a figura de Evita, elevando seus feitos a um nível que transcende o plano histórico para alcançar o plano maravilhoso – característica estrutural dos poemas épicos. Por seu legado, Eva Perón vai sendo descrita, no decorrer dos poemas, como uma heroína, eternizada pelas conquistas e tragédias que envolvem sua vida. Ao mesmo tempo, no âmbito dos referentes históricos, o poema retrata o dia a dia e os enfrentamentos daqueles que se fizeram oposição à ditadura prestes a ser implantada no país com o golpe que tirou Juan Perón do poder em 9 de outubro de 1945. Esse enfrentamento resultou vitorioso em 1945, mas, em 1955, com Eva Perón já falecida (1952), um novo golpe militar derrubaria

o governo de Perón, que só retornaria ao país em 1973, para ser novamente eleito presidente. Sua morte, em 1974, deixaria na presidência sua então esposa e vice-presidente, Isabel Perón, deposta em 1976 por novo golpe militar. A ditadura durou até 1983. Alberto Carlini viveu toda essa experiência.

A quarta capa do livro sintetiza a imagem mítica de Evita que a obra, em seu conjunto de poemas, apresenta. O poema ali apresentado integra a segunda parte e, como veremos adiante, compõe o que chamamos de “plano maravilhoso” da epopeia (SILVA, 2007):

*Cuando moren las Evas,
suelen nacer millones de pájaros.
Multitud de cantares
poblados de luz
de esquinas y paisajes
y un sueño que crece en el sueño,
gravitando en la multitud conciente.
Y van naciendo otras Evas,
cada Eva en el fuego de Eva.
Y estallan
madurando en el sueño
millones de sueños,
encaminados sobre las vertientes
del viento frutal,
y los signos encantados.
(CARLINI, 1996, p. 52)*

Destacadas algumas características específicas da obra, que já apontam para o vínculo com a poesia épica, sublinhamos que o objetivo de nossa abordagem é justamente delinear com mais precisão os momentos em que o tom épico se destaca em *Evita: del 17 de octubre a la caída*.

Na atualidade, o épico é um gênero relativamente pouco discutido, sobretudo no ambiente escolar. Tal ausência torna os estudos sobre o tema mais desafiadores e exige uma base teórica sólida. A partir dos estudos do semiólogo brasileiro Anazildo Vasconcelos da Silva, que, nos anos 80 do século XX, como professor e pesquisador da UFRJ, desenvolveu a teoria intitulada “Semiotização épica do discurso”, é possível compreender como o épico pode ser reconfigurado e relacionado a obras, como a de Carlini, ainda que as obras em si não demonstrem uma explícita intenção épica. Considerando que há correntes e nomes de peso que, de certo modo, decretaram a morte do gênero e o anacronismo de produções épicas depois do século XVIII, é compreensível que muitos poemas longos tenham sido criados sem que se pensasse nessa categoria de gênero. A teoria de Silva e de outros/as especialistas⁴ demonstram, contudo, que a presença do gênero épico, renovado e também representado em

⁴ O CIMEEP, com quase duzentos membros de diferentes países, é fonte para se ter conhecimento do desenvolvimento dos estudos épicos através dos tempos. Pesquisadores e pesquisadoras como Florence Goyet, Delphine Rumeau, Charlotte Krauss, Saulo Neiva, Abdoulaye Keita, Dante Barrientos Tecún, Cristina Fernández, Raúl Marrero-Gente, entre muitos/as, são exemplos da diversidade de abordagens teóricas e críticas relacionada ao gênero épico, suas transformações e subgêneros. Outra fonte relevante é o *Projet Épopée*, criado e desenvolvido por Florence Goyet em 2015, com o intuito de reunir referências e textos científicos sobre o gênero épico. Ver: <https://epopee.hypotheses.org/>

subgêneros como o cinema épico, o teatro épico, o cordel épico etc., exige maior atenção da crítica literária.

O gênero épico, em visões críticas mais superficiais, é frequentemente reduzido à exaltação de heróis e seus feitos grandiosos, narrados em poesia. Essa definição, no entanto, é bastante limitada. Para que um poema longo seja considerado épico, é necessária a presença de um conjunto de elementos que, na verdade, se configuram como os principais aspectos constitutivos da matéria épica, como aponta Ramalho (2014, p 36): “a dupla instância de enunciação, o plano histórico, o plano maravilhoso, o plano literário e o heroísmo épico”. Segundo Silva e Ramalho (2007), a explicação frequentemente utilizada para definir o épico como um gênero esgotado que teria sido substituído pelo romance negligencia a permanência – ainda que sob outras roupagens – de elementos fundamentais que compõem a estrutura épica e que se fazem presentes em todos os tempos na produção literária universal.

Em torno dessa incongruência entre teoria e produção literária, cabe ressaltar que a formulação aristotélica, centrada na epopeia grega, acabou por influenciar fortemente essa visão de que o gênero épico teria se estagnado dado que a épica homérica se tornou uma espécie de paradigma definidor do gênero. Como afirma Silva, “a formulação aristotélica restringe-se à epopeia grega, de modo que sua aplicação indiscriminada, através dos tempos, impossibilitou o reconhecimento de epopeias legítimas fora do âmbito clássico” (2007, p. 46). O autor ainda reforça que

/.../ tudo que ele [Aristóteles] afirma sobre a epopeia, por exemplo, embora esteja absolutamente correto, só vale para aquela manifestação do discurso épico que constituiu o corpus criticamente delimitado, a epopeia grega, e não para todas as demais manifestações posteriores desse mesmo discurso. (SILVA, 2007, p. 48)

Apesar de não apontar explicitamente para o gênero épico e ter declarado, na abertura da obra que

*Me alegra mucho, poder reaparecer, con un libro de difícil construcción.
El abordaje a personas históricas, desde el lirismo del canto, evitando lo panfletario,
tienen secretas dificultades a resolver.
Aquí les entrego el libro, que sale como todos los míos, desde la sangre. Son
metáforas, imágenes que partieron desde la realidad que viví, junto a mi pueblo,
espero que sea un libro logrado poéticamente. Si lo logré o no, deberán decirlo
ustedes, mis lectores, sea del signo ideológico o filosófico que sean.* (CARLINO, 1996, p. 14)

Carlino acentua o conteúdo histórico e também o recurso metafórico e, com isso, como veremos, consegue criar uma epopeia moderna, marcada por feitos coletivos, lutas políticas e, principalmente, pela figura heroica de Eva Perón.

Essa transposição do épico para a poesia social latino-americana mostra como o gênero pode ser reinventado de diversas formas e podemos usar isso para refletir sobre os conflitos e ideais do século XX.

Apesar de existirem poucas publicações disponíveis on-line acerca da obra de Carlino, temos as impressões de Washington Cucurto, na coluna *“La ciudad de la furia”*, do jornal virtual *Crítica de la Argentina*: *“Hoy en día, en que todo es blog y Facebook, es bueno pegarse un baño de buena literatura y leer los poemas de Carlino. Una épica urbana que testimonia grandes triunfos y luchas, fracasos y fantasías varias”* (2009, p. 38). Como se vê, ao identificar a poesia de Carlino como uma “épica urbana”, Cucurto identifica em sua obra justamente o caráter épico que aqui apontaremos.

Por fim, fazendo alusão ao título do livro, vemos que nele se destaca o “17 de outubro de 1945” como um momento crucial, no qual Evita é representada como um símbolo de esperança, justiça social e amor ao seu povo. Sobre esse dia, nos falam Ramalho e Menezes (2025) que Eva Perón

foi personagem fundamental no movimento peronista, com destaque para sua atuação no dia 17 de outubro de 1945, em que uma grande mobilização popular na Praça de Maio conseguiu que Juan Perón, que havia sido preso por razões políticas, fosse libertado e conduzido ao balcão da Casa Rosada, de onde falou para o público, dando início à trajetória que o levaria à presidência. (RAMALHO; MENEZES, 2025, p. 11)

Feitas essas considerações iniciais, passamos a informações mais específicas sobre Eva Perón e, em seguida, apresentamos as análises que se configuram como o objetivo principal desta abordagem.

Algumas palavras sobre Eva Perón

María Eva Duarte de Perón (1919-1952) foi uma mulher de suma importância para a história argentina. Durante sua curta vida, promoveu mudanças significativas e conquistou avanços sociais que marcaram a nação. Nascida em Los Toldos, no dia 7 de maio de 1919, enfrentou desde a infância a pobreza e o preconceito, por ser filha de uma relação extraconjugal. Ainda jovem, sofreu com a rejeição de uma sociedade conservadora e elitista, o que se intensificou após tornar-se primeira-dama, pois parte da burguesia se recusava a aceitar que uma mulher de origem humilde ocupasse uma posição de tanto prestígio (ROSEMBERG, 2019).

Eva Perón lutava constantemente por justiça social. Foi graças a ela que as mulheres argentinas conquistaram o direito ao voto e começaram a ocupar cargos públicos como destaca Julia Rosenberg, em seu livro *Eva y las mujeres: historia de una irreverencia*: *“El 1 de mayo de 1952 asumieron las nuevas y primeras legisladoras en el Congreso. Por primera vez en la historia un grupo de mujeres se sentaron en los sillones de las Cámaras de Diputados y Senadores para sesionar en igualdad de condiciones que los hombres”* (ROSEMBERG, 2019, p. 136).

No âmbito de sua atuação política, Eva Perón criou programas de assistência social, fundou o partido peronista feminino para os pobres — os “descamisados”, como os chamava — e sempre priorizou os necessitados. Faleceu em 26 de julho de 1952, aos 33 anos, vítima de um câncer. Sua

partida causou impacto mundial, pela maciça manifestação de dor dos argentinos diante da perda de sua líder. Seu funeral contou com a presença de milhares de pessoas e foram dias de velório na tentativa de que a população argentina pudesse se despedir da amada primeira dama. No entanto, sua morte não apagou seu impacto: Eva tornou-se símbolo de resistência, justiça e inspiração para o povo argentino. Sobre isso também nos conta Rosemberg:

/.../ sus enemigos debían reconocer que "ninguna alcanzó su influencia". El velorio causó un impacto tan fuerte que hasta incluso la revista norteamericana Life admitió que el dolor de los argentinos no podía ser el producto "de las exigencias de ningún dictador, como lo es su marido Juan Perón. Fue genuino y profundo y reveló que Evita ,que contribuyó poderosamente a llevar a su pueblo hacia el totalitarismo y la bancarrota, había ganado también su amor. (ROSEMBERG, 2019, p. 143)*

Infelizmente, sua morte também foi marcada por atrocidades. Após um golpe militar que depôs Juan Domingo Perón, seu corpo embalsamado foi sequestrado pelos militares, utilizado como escudo político e levado para fora do país. Durante 16 anos, o corpo de Evita passou por abusos e maus-tratos. Numa tentativa de apagá-la da história e fazer com que a nação a odiasse, os militares e políticos de oposição ao peronismo tentaram de tudo para distorcer a história no intuito de “desperonizar” o país. Ainda assim, sua memória resistiu e resiste até os dias atuais, quando o ódio destinado à imagem de Eva Perón pelos anti-peronistas ainda faz circular matérias que buscam difamar a imagem dela.

Trataremos, a partir de agora, do recorte épico pretendido, destacando, desde já, que, pela limitação do espaço, faremos alguns recortes, de modo que fiquem visíveis os pontos de aproximação de *Evita: del 17 de octubre a la caída* com o gênero épico, a ponto de nos sentirmos confortáveis em chamar essa obra de Alberto Carlini de poesia épica.

Sobre *Evita: del 17 de octubre a la caída*

Para destacar os aspectos épicos da obra de Carlini, é necessário trazer os conceitos teóricos básicos que nos norteiam. Iniciamos com o conceito de “matéria épica”:

[...] a matéria épica é uma construção coletiva, gerada no seio de uma determinada cultura, mediante a adição de uma aderência mítica a um acontecimento histórico que, por uma singularidade intempestiva, ultrapassa os limites da experiência comunitária. No exato momento em que ocorre, o feito histórico é apenas realidade e o seu relato é história. Mas se esse feito é grandioso e fantástico, a ponto de ultrapassar o limite do real, isto é, capaz de ultrapassar a capacidade de compreensão do homem da época de sua ocorrência, começa a gerar uma aderência mítica que o desrealiza como história e, com o passar do tempo, a ele se funde, constituindo então uma matéria épica. (SILVA, 2007, p. 54-55)

É inegável que Eva Perón, a Evita, se configura como uma das mais conhecidas matérias épicas da cultura argentina. E isso se justifica, por exemplo, pelo incontável número de produções artísticas e literárias que têm sua figura como tema.

A matéria épica, integrando história e mito, se materializa numa epopeia através dos planos histórico e maravilhoso, respectivamente. Assim, ao se analisar um poema longo, por exemplo, com vistas a reconhecer sua possível epicidade, é fundamental verificar como se dá a presença desses planos. O modo como o/a poeta que escreve o poema organiza a linguagem, a estrutura e a própria fusão entre os planos histórico e maravilhoso constitui o terceiro plano a ser investigado: o plano literário.

A instância de enunciação épica, dada a natureza híbrida da epopeia, é nomeada 'eu lírico/narrador:

O discurso épico caracteriza-se por sua natureza híbrida, isto é, por apresentar uma dupla instância de enunciação, a narrativa e a lírica, mesclando, por isso mesmo, em suas manifestações, os gêneros narrativo e lírico. Daí a presença na epopeia de um narrador e de um eu lírico, ou melhor, de uma instância de enunciação híbrida, nomeada eu lírico/narrador. ((SILVA, 2017, p. 11).

Ressaltamos, mais uma vez, que o objetivo de nossa abordagem parte de um pressuposto muito bem sintetizado por Saulo Neiva: "a 'permanência' da epopeia só pode ser assegurada se considerarmos as transformações que ela sofreu ao longo dos séculos" (NEIVA, 2009, p. 42). Diante disso, passamos à reflexão sobre *Evita: del 17 de octubre a la caída*.

Como foi destacado anteriormente, a obra, reunindo um total de 43 poemas, se divide em três partes. Vejamos, já pensando no plano literário, como cada parte está configurada, para, a partir disso, realizar a abordagem de cada uma delas.

A primeira parte da obra, intitulada "*Evita hasta su muerte*", contém 18 poemas sem preocupação com metrificação ou rima. São eles: "*El barrilete que no cesa*", "*La muchacha del 17*", "*Memoria del combatiente*", "*El nacimiento*", "*Los 'grasas'*", "*La conciencia*", "*La Patria morena*", "*La movilización del pueblo*", "*Evita la ternura de un pueblo*", "*Los 'Don Nadie' protagonizaban la historia*", "*Ella, en el amor adolescente**", "*Trabajo y previsión*", "*Desde el espanto*", "*La muchedumbre avanza o construir la sociedad más justa*", "*Canción para Evita*", "*Te busco*", "*Signada por la Década del 40*" e "*En la fragua*". A vida de Evita se mistura com a própria vida do eu lírico que narra episódios de seu próprio envolvimento com os fatos da realidade argentina de então. O dia 17 de outubro de 1945 é o ponto de partida para a fixação de Evita como o paradigma simbólico que dará força à resistência popular. Essa fusão entre lirismo e narração nos permite associar a voz poemática à instância de enunciação épica, o eu lírico-narrador, que, em muitos trechos, se dirige à própria Eva Perón, como que rememorando o passado vivido, como forma de realçar o caráter mítico de Evita.

A segunda, *“Eva Perón en la Resistencia Popular”*, apresenta 16 poemas também sem métrica fixa e uso de rimas, a saber: *“La juventud de la Resistencia”*, *“Los príncipes de la revancha”*, *“El amor multitudinário”*, *“Fusilamiento de la Esfinge”*, *“Tríptico sobre la muerte”*, *“Nacerán los pájaros”*, *“Ella”*, *“Eva en la Resistencia”*, *“La movilización popular”*, *“Los caños de la ‘Resistencia’”*, *“En la parábola de las iras y las flores”*, *“Necesaria y nuestra”*, *“Te busco”*, *“Tal vez fue, el afirmar el Derecho Obrero”*, *“A través de mi conciencia el pueblo habla”* e *“La Fundación de Ayuda Social”*. Essa parte privilegia o espírito de resistência que uniu jovens em torno do objetivo de combater as injunções ditatoriais e dá continuidade ao impacto simbólico da presença de Eva Perón como referência maior desse espírito.

A terceira e última, *“Nuestra Evita Hoy”*, traz apenas 9 poemas, de igual característica de estilo. Os poemas se intitulam: *“Levantando la hoguera de iras”*, *“Encendida de palabras”*, *“Siempre vuelves”*, *“Nada muere si vivió en la historia”*, *“Un pensamiento vivo”*, *“Aún resisto”*, *“La inolvidable mujer pájaro”*, *“La predestinada del sur”* e *“Tan en la memoria y en la eternidad”*. Os títulos apontam para o investimento no plano maravilhoso, já que Evita é caracterizada como a “predestinada do sul”, a “mulher pássaro” e um nome eternizado na história.

A comparação entre as partes nos permite constatar a repetição do título *“Te busco”* e de palavras como *“memoria”*, *“historia”*, *“pueblo”*, *“Ella”*⁵, *“Resistencia”*, *“iras”* e *“amor”*. Esse campo semântico nos remeterá todo tempo ao conflito gerado no seio da tensão política que levou a Argentina a ser tomada pelas forças militares ditatoriais e violentas. O que sintetiza o plano histórico da obra. Cada parte, entretanto, terá seu papel na estrutura épica que nela reconhecemos.

A primeira parte, **Evita hasta su muerte**, tem início com o poema a seguir:

*Enorme,
fabulosa.
Aún en el descanso de lo etéreo.
Aún en la hondura silenciosa de la eternidad
en la trastienda de la vida
sigue sin dormir por nosotros
incitándonos.
Remontando el grito,
como el barrilete que no cesa.
(CARLINO, 1996, p. 17)*

O eu lírico/narrador, nesse poema de abertura, qualifica a grandeza de Eva Perón, cuja fora, mesmo depois de sua morte, continua a incitar o povo argentino a resistir às injunções. Esse poema cumpre, segundo a teoria épica do discurso, a função de proposição, ou seja, apresenta a matéria épica do poema. Segundo Ramalho (2014):

⁵ Em nota de rodapé, Carlino se refere a “Ella”: *“Ella era hija de un conocido militante de izquierda que peleó en la guerra civil española: nos conocimos en Julio en una rabona en los bosques de Palermo, donde iban los rateros, y estrechamos nuestros vínculos militantes en la lucha callejera y fundamentalmente, en los días previos al 17; fue un amor adolescente, con la misma brevedad que caracteriza a ese estado del ser, pero lo creíamos importante y eterno. Lo evoco para mostrar aquella pasión adolescente de la década del ‘40”*. (1996, p. 33)

/.../ uma proposição pode vir nomeada ou não, aparecer em verso ou em prosa. Além disso, ela pode receber outros nomes, alguns, inclusive, reveladores da criatividade da obra. É igualmente possível que um autor (ou uma autora), não consciente da natureza épica de seu texto, em função de guardar o registro das manifestações clássicas, inicie seu poema longo com um texto no qual se reconheça o conteúdo de uma proposição, ainda que não seja uma inserção proposital no sentido de compô-la como parte específica de um texto épico. A proposição, em suas diversas formas, promove uma espécie de ritual de iniciação da leitura. (RAMALHO, 2014, p. 33)

Evita: del 17 de octubre a la caída, assim, tem início com um poema que já destaca Eva Perón como matéria épica, visto que, mesmo morta, segue “sem dormir”, incitando o povo argentino à luta. Evita continua agindo, mesmo quando parece que tudo está acabado e, nessa primeira parte, ela já é apresentada como uma figura impossível de ser detida.

O poema “*La muchacha del 17*” sintetiza, por sua vez, o impacto da imagem de Eva Perón no contexto do evento de 17 de outubro de 1945, para o eu lírico/narrador, que também é personagem da narrativa implícita no conjunto de poemas. A observação de alguns trechos por nós sublinhados demonstra que tanto o plano histórico quanto o maravilhoso já estão integrados:

*Su nombre me llegó
como un tumulto.
Era casi un niño y militaba.
Su nombre me estalló detrás de la aurora
Era de madrugada en Buenos Aires,
el calor nos golpeaba y la pasión preparaba su incendio.
Iba a darse el día,
fruta embarazado, de pie y para siempre.
Ibamos a inventarlo todo.
La muchedumbre,
aquella muchacha en el deseo,
el Coronel para siempre.
Contarles a los otros,
durante una vida,
como fue, lo que fue, en la eternidad.
Iba a darse el día y sería 17.
y no sabíamos nada.
Ella me llegó desde la lucha.
Ella, con sus ojos banderas
y su piel de alondra...
Ella, cantaba como una llamada
hasta herir el espacio.
Me llegó desde la sangre,
con la muerte Passaponti⁶,
esa mutilada adolescencia que soñaba.
Me llegó desde el aire y canto,
desde la bronca y la herida,*

⁶ “El ataque contra los peronistas se inició alrededor de la 1 y cesó recién una hora y media después. Dos muertos y más de 30 heridos fue el cruento saldo de los disparos. Un joven militante nacionalista, Darwin Passaponti, de 17 años, estudiante de la “Mariano Acosta”, malherido en el rostro, murió esa madrugada en el Hospital Duran. El otro muerto fue Francisco Ramos, empleado de 24 años...” Fonte: “<https://todoperon.org/18-de-octubre-de-1945-cae-asesinado-darwin-passaponti-primer-martir-de-la-revolucion-justicialista/>”. Acesso em 24/05/25.

desde la vida y la muerte,
desde la eterna ternura revolucionaria,
tan llena de amor,
tan llena de guitarras,
de palomas y vidalas,
de viejas haraposas,
de viejos, imposible dormir en la calle.
Me llegó invicta, memorial y victoriosa.
Me llegó sin saberlo,
era la historia
y uno participó como si nada.
Me llegó como todo,
en el tumulto de la calle
y en medio de la lucha.
Linda y total, vestida de estrellas,
de violines en su rostro.
Vital de odios,
porque amaba, tanto y tanto a su pueblo.
Me llegó con sus soles,
sus gestos, sus todos.
Nunca la pureza tuvo más identidad,
que en su bello nombre.
Su ternura sigue creciendo y contiene la misma rebeldía.
Ella, la invicta, muchacha del 17,
fue después eternamente nuestra
aún flamea en la multitud
y sigue cantando
como una llamarada.
 (CARLINO, 1996, p 17-18)

Essa passagem ao lermos percebe-se o momento em que o eu lírico/narrador relata como a experiência de seu primeiro contato com Evita (ainda não nomeada no poema) deixou-lhe uma marca profunda em sua vida e na vida do povo ("*aún flamea em la multitud*"). Símbolo poderoso da juventude engajada, da rebeldia que ama, da luta do povo, ela é retratada com beleza e coragem, com uma ternura intensa que nasce das ruas, das batalhas, da dor e da esperança. Ela carrega em si a memória dos companheiros caídos, como Passaponti, e transforma essa dor em força. Mesmo que tenha morrido ou desaparecido, sua presença continua viva e invencível, pulsando na multidão, ardendo como uma chama que canta e resiste.

Em outros poemas ainda da primeira parte surgem referentes históricos mais explícitos, como veremos nos trechos abaixo:

Era aquella adolescencia, tan nuestra,
en el fervor de Octubre.
Soñábamos con la aurora,
desnuda de maleficios
y cantábamos a la Nación, "Justa, Libre, Soberana".
 ("*Memoria del combatiente*"⁷, 1996, p. 20)

⁷ Após o título, esse poema traz a seguinte epígrafe: "*Homenaje al poeta mártir, asesinado el mismo 17 de octubre. Al retirarnos la columna más joven, con estudiantes secundarios fuimos baleados a mansalva desde el diario "Crítica"; junto a Darwin, murieron otros y hubo muchos heridos.*" (CARLINO, 1996, p. 20)

*Venga Coronel, nadie parte sin Usted.
Se huele el regreso de los expatriados,
San Martín, Bolívar, Artigas,
Moreno, Monteagudo, Rosas, Alem, Irigoyen.
Somos los descamisados, los sin ropa,
los despojados de siempre.
Y este sueño nos vestirá de historia.
("Memoria del combatiente"⁸, 1996, p. 20)*

*Han enarbolado astas y banderas de gritos
vienen con bombos y cánticos populares.
Repiquetean, Eva, repiquetean,
estremece el sonido del parche,
es el desarrapado de la historia,
llegan tronando las calles ciudadanas.
Ahora se saben solidarios,
ya no son más el uno,
andan cantando del brazo y en multitud,
en cada alpargata deshilachada
nacerán millares de libros.
("La movilización del pueblo", 1996, p. 28)*

*Gruñían los guarangos del lavado de pies
en la sagrada fuente de la plaza
y se contorneaban
golpeando la atmósfera,
con ese sonido ronco, memorial,
de adherencia a un mundo nuevo,
sin la ferocidad social que agobiaba
iban los grasas, musicalizando las calles solemnes
llenaban de canciones y sonaban en la propuesta
con un mundo más igual,
más de todos.
("Los 'Don Nadie' protagonizaban la historia", 1996, p. 31)*

*Juntos
desde el pueblo,
queríamos saldar deudas,
testimoniando desde el clamor del tiempo
la imposición de nuevos derechos
para finiquitar la leyenda del país colonial.
("Desde el espanto", 1996, p. 35)*

De outro lado, há poemas que trabalham mais a dimensão mítica da figura de Eva Perón, dando-lhe tratamento mais metafórico, como se vê em "*Evita la ternura de un Pueblo*" e em "*Canción para Evita*":

Evita la ternura de un pueblo

"Vengo del pueblo, ese corazón rojo que sangra y llora y se cubre de rosas al cantar"

⁸ Após o título, esse poema traz a seguinte epígrafe: "*Homenaje al poeta mártir, asesinado el mismo 17 de octubre. Al retirarnos la columna más joven, con estudiantes secundarios fuimos baleados a mansalva desde el diario "Crítica"; junto a Darwin, murieron otros y hubo muchos heridos.*" (CARLINO, 1996, p. 20)

(Navidad de 1946 en el mensaje radial a las mujeres).

*Rosa muchacha
Rosa de sueños
rosa en el combate
Rosa de fuego
rosa en el canto
y rosa en la flor.
Rosa en el aire,
Rosa cristal
más cristal que la transparencia.
Rosa muchacha
tan linda, tan suave como el terciopelo.
Rosa en la mirada
Rosa en la ternura
Rosa en el odio del oprimente
Rosa en la furia del saqueado.
Rosa más rosa que la misma rosa.
Aquí y hoy te amo, muchacha,
no como un hombre
sino como tu pueblo.
(CARLINO, 1996, p. 29)*

Qué hechizos y que magia
envolvían tus palabras,
tu dulce acontecer
de muchacha en el alba.
Cómo era
esa llaga de padecer de otoño
y olvidar los inviernos.
Tenía que ver con septiembres
tu interioridad de palomas.
Toda la primavera se juntaba en tu pecho
y cantaban,
era un sueño de relámpagos
sobre la bruma otoñal.
Un ángel de luz
abriendo el ventanal
del trabajador sepultado.
Eras la rosa y el sol,
el barrio y la canción.
Sabías tanto de música,
tanto de poesía,
de ahí también de nuestro dolor.
Venías con la luz
a encender la intimidad,
la razón de la alegría.
Traías un sol elemental
para vestirnos
el desparpajo de tanto olvido.
Traías la intimidad del sol
para vestirnos,
la angustia de tantas ausencias.
Olorosa de un tiempo de bondad,
de calles transitadas por arcángeles
que brotaban como hongos.

Cuando asomadas tu ancha sonrisa.
Y tu amor,
imparable.
(CARLINO, 1996, p. 38-39)

Como se vê, ao mesmo tempo em que o eu lírico/narrador, inserido no evento narrado, traz detalhes da experiência popular do 17 de outubro, configurando um registro histórico costurado pela memória, faz-se relevante o papel de Eva Perón e sua projeção, desde ali, no plano mítico da heroína que move a multidão.

Na segunda parte, **Eva Perón en la Resistencia Popular**, o eu lírico/narrador continua a evidenciar a resistência da nação e a bravura de Eva como uma heroína nacional, aprofundando o detalhamento do espírito combativo que moveu o povo. O poema da abertura, “*La juventud de la Resistencia*” sublinha o significado de Eva e Juan Perón para a juventude arrebanhada pelo espírito revolucionário:

*Caminábamos la jungla
enmarcada por ellos.
Eran ordenados abastecedores
del odio contra el odio,
sostenían lo deleznable
esa fervorosa pasión por el sometimiento.
No hay olvido en la vorágine,
solo vos y Perón,
eran lo palpable.
Solo vos y Perón
y la patria enaltecida
eran el miramiento juvenil,
la parábola donde se encuadraba
el destino solidario de un pueblo.*

Libertad Demitrópulos, em *Eva Perón* (2023), relembra os antecedentes dessa mobilização popular, destacando como Eva Perón se apresentava por meio de sua atuação em programas de rádio. O texto de Demitrópulos traduz muito bem o conteúdo do poema acima citado. Vejamos:

El 17 de junio de 1944, cuando aún no ha terminado la filmación de La cabalgata del circo, Eva Duarte comienza un nuevo programa radial llamado Hacia un futuro mejor. Su inspirador y autor es el prolífico Muñoz Azpiri. Los actores que acompañaban a Eva Duarte variaban, pero el tema era siempre el mismo: el ideario del 4 de junio y la personalidad del coronel Perón. Eva hacía de una mujer del pueblo, la genuina encarnación del argentino, que llamaba a los argentinos a alinearse junto a la revolución impulsada por Perón. (DEMITRÓPULOS, 2023, p. 44)

Em outro poema, “*Los príncipes de la revancha*”, e já em novo contexto histórico, o eu lírico/narrador retrata os anos de repressão militar, a presença dos chamados “comandos civis” grupos paramilitares que atuaram na repressão ao peronismo. Essa passagem é evocada com força dramática, colocando a população também como protagonista da história. O eu lírico/narrador, ao mesmo tempo em que faz uma denúncia dos ataques aos trabalhadores e à população pobre, com imagens de

violência e resistência, transmite o caos da sociedade e como a classe trabalhadora está empenhada na luta para reverter essa problemática. Esses versos revelam o papel da poesia como denúncia histórica. A classe trabalhadora é retratada como vítima de um sistema opressor que tenta sufocar a rebelião popular. Carlino denuncia não só a violência, mas também a tentativa de apagar uma “*manera virgen y barrial*” (1996, p. 46) — ou seja, a pureza da luta nascida dos bairros populares. A resposta, contudo, é clara. A resistência, ainda que duramente reprimida, não se cala.

A obra, em sua epicidade, se configura como um ato de memória e de combate simbólico, reafirmando a bravura de um povo que, mesmo ferido, responde com dignidade e luta. Observemos um trecho:

*/.../ “Comandos Civiles” azolando calles, casas, fábricas
acumulaban como oropeles,
al desangrado gesto del inocente.
Van en busca de la rebelión obrera
para diezmarla.
Se sostienen en mandatos
que oscurecen
una manera virgen y barrial.
Perdulario de un tiempo de vejámenes
no pudieron seguir su camino
sin respuesta.
(CARLINO, 1996, p. 46)*

A dimensão simbólica do 17 de outubro de 45, é anualmente retomada na Argentina, como registro histórico e manutenção da memória. No entanto, dentro de um contexto ainda mais opressor, como o que ocorreu nos anos 50, a lembrança da força advinda de Eva Perón, já, inclusive, atingida pelo câncer, tem ainda maior impacto. Tal como destaca o historiador Paulo Renato da Silva:

Em 17 de outubro de 1951, Dia da Lealdade peronista, o último do qual participou, Evita pediu o seguinte à multidão reunida na praça de Maio. “(...) *juremos todos, públicamente, defender a Perón y luchar por él hasta la muerte. Y nuestro juramento será gritar durante un minuto para que nuestro grito llegue hasta el último rincón del mundo: La vida por Perón*”.

Um retrato dessa realidade violenta está bem configurado no poema “Fusilamiento de la Esfinge”:

Nadie venga a contarme la muerte berlinesa.
Si Berlín está distante.
Ni nadie hable de los cementerios proletarios de Praga,
si Praga la lejana,
queda, no se, dónde?
Hablemos si quieres,
de rosas y magnolias entorpecidas por la brutalidad,
de muchachas y muchachos obviados
que estremecieron la tierra
y ya no viven,
aquellos arrabales ensangrentados de gritos,

cantaban el crepúsculo
y ahora yacen como sombras
cubriendo tus desaparecidos Bustos,
enarbolando una bandera de la ternura y la lealtad
mientras la metralla
buscaba fusilarte,
aún en el recuerdo.
(CARLINO, 1996, p. 58)

Esse poema traz uma explicação de Carlino, que reafirma a elaboração da fusão do plano histórico com o plano maravilhoso da obra encarnado pela figura de Eva Perón:

En 1955 fue el asalto al poder popular, derrocado el gobierno elegido por el pueblo con el 65% del electorado. Tanques y oficiales de las FF.AA salieron a destruir millares de bustos con la efigie de Evita, que el pueblo había erigido como tributo de admiración y agradecimiento a todo lo que ella había hecho por nosotros. En los barrios y en los pueblos, al enterarse se movilizaban poniendo el cuerpo para que ello no sucediera: hubo centenares de casos en que abrieron fuego -aún hay militares que lo atestiguan-, asesinando a esos inocentes que solo pedían que no destruyeran la efigie de su amor. (CARLINO, 1996, p. 58)

A atuação violenta dos militares contra as imagens icônicas de Eva Perón atesta sua inserção no plano mítico. Destruir essas representações parecia um caminho possível para esgotar a força de Evita. Contudo, a obra demonstra que não, tal como se vê no poema “Necesaria y nuestra”:

*Eva Perón.
Estás en cada hambriento,
en el militante,
en los soñadores,
en los poetas,
en el miserable,
en los enemigos,
en el oligarca,
en el imperio,
en los malversadores de tu nombre.
En aquel tan de la brevedad por su pequeñez.
Estás en la niebla que entrecruza el alba,
desde la sangre del dolor popular,
desde la traición y la mordaza.
Estás en la memoria de cada torturado,
en nuestros hijos y nietos
que se trepan a la lucha.
Presides como una nube invicta
los barriletes escondidos en la vereda de nuestra niñez,
aquella pelota futbolística de la mirada virgen,
en los primeros libros que te debemos
y en la rebeldía de tu testimonio.
No hay cuchillo ni canalla
que pueda borrararte de la calle social.
Estás,
en la luz, en el fuego, en la niebla,
en el espacio de iras de los humildes,
en el tiempo tremendo de los asesinos,
de los entregadores.
de nuestra íntima necesidad.*

*No hay manan
sin la sonoridad
del pasado.
Todo aquello que vivió
En lo trascendente
sigue intacto
en la experiencia
y vive,
y seguirá con vida.*
(CARLINO, 1996, p. 72)

A visão de Alberto Carlino acerca da presença simbólica e cultura de Eva Perón na cultura argentina espelha a ideia de que: “É por sua capacidade de tocar o simbólico da ação heroica e as verdades morais que estão na estrutura de uma sociedade ou cultura, que o poeta e a poetisa épicos se fazem porta-vozes de um *epos* amalgamado na sociedade ou cultura retratada” (RAMALHO, 2014, p. 125).

Conclusão

Evita: del 17 de octubre a la caída, de Alfredo Carlino, traz os aspectos estruturantes da poesia épica, e a análise brevemente realizada aqui demonstra como o gênero épico pode ser ressignificado à luz de contextos históricos e sociais específicos, distantes da tradição clássica grega, mas igualmente potente em sua função narrativa e identitária.

Ao ter como matéria épica Eva Perón, uma figura heroica moderna, a obra eleva os feitos sociais e políticos de uma mulher real à condição de mito poético e político. A poesia, nesse sentido, torna-se instrumento de continuidade pelas causas sociais, resistência, de construção da memória coletiva e de reafirmação das lutas populares reafirmando as conquistas que ela proporcionou à população. Portanto, o autor constrói esse livro, carregado de emoções e experiências pessoais, dada a sua própria inscrição como partícipe da matéria narrada, para eternizar a memória de Evita e seu legado na história da Argentina.

Com *Evita: del 17 de octubre a la caída*, Carlino insere-se na tradição da poesia engajada latino-americana, mas vai além ao elaborar uma verdadeira epopeia popular, em que o povo argentino — especialmente os trabalhadores, as mulheres e os pobres — é enaltecido como protagonista da própria história. Evita, enquanto símbolo maior dessa coletividade, não conquista com armas, mas com palavras e ações sociais, revelando uma nova forma de heroísmo: o heroísmo do cuidado, da justiça e da entrega.

Dessa forma, a análise da obra de Carlino permite ampliar a compreensão do épico como um gênero vivo, versátil e essencial para narrar as grandes transformações sociais e trazer à pauta outras formas de heroísmo, adaptando-se a diferentes ambientes e formas de ver a própria história. Além

disso, a abordagem à atualidade do gênero e o reconhecimento do diálogo de muitas manifestações literárias com essa tradição, ainda que não explícita na intenção criadora, como é o caso da obra aqui estudada, contribui para refletir sobre a importância de implementar a discussão da literatura nos ambientes educacionais como forma de preservar a memória e inspirar as futuras gerações.

Referências

- CARLINO, Alfredo. **Evita del 17 de octubre a la caída**. Argentina: Catálogos, 1996. v. 1.
- CUCURTO, Washington. Alfredo Carlino. **Crítica de la Argentina**. Martes, 28 de abril de 2009. Año 2 - Nº 419, p. 38. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20120304111736/http://criticadigital.com/tapaedicion/diario419enteroweb.pdf>. Acesso em 17 de maio de 2025.
- DEMITRÓPULOS, Libertad, **Eva Perón**. Ciudad de Buenos Aires: Marea SRL, 2023.
- NEIVA, Saulo. **Avatares da epopeia na poesia brasileira do final do século XX**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Ed. Massangana, 2009.
- NAVARRO, Marysa. **Evita**. Buenos Aires: Edhasa, 2018.
- RAMALHO, Christina. **A cabeça calva de deus, de Corsino Fortes: o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal**. Aracaju: Artner Comunicação, 2014.
- RAMALHO, Christina; MENEZES, Edimarks. *Eternidad y gloria a Eva Perón*, de Carmen Aguer, à luz dos estudos épicos. **Revista da Academia Brasileira de Filologia**, vol. XXXIV, 2025, p. 8-26.
- ROSEMBERG, Julia. **Eva y las mujeres: historia de una irreverencia**. Buenos aires: Ediciones Futurack, 2019.
- SILVA, Anazildo Vasconcelos da; RAMALHO, Christina. **História da epopeia brasileira: teoria, crítica e percurso**. V. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- SILVA, Anazildo Vasconcelos da. **Formação épica da literatura brasileira**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.
- SILVA, Paulo Renato da. Memória e história de Eva Perón. **Revista História**, São Paulo, n. 170, p. 143-173, jan.-jun., 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i170p143-173>. Acesso em 14 março 2025.